



BBR. Brazilian Business Review

ISSN: 1808-2386

ISSN: 1807-734X

Fucape Business School

Wronski, Pollyanna Gracy; Klann, Roberto Carlos
Accounting Conservatism and National Culture
BBR. Brazilian Business Review, vol. 17, no. 3, 2020, May-June, pp. 344-361
Fucape Business School

DOI: <https://doi.org/10.15728/bbr.2020.17.3.6>

Available in: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=123063507006>

- How to cite
- Complete issue
- More information about this article
- Journal's webpage in redalyc.org


UNEM
redalyc.org

Scientific Information System Redalyc
Network of Scientific Journals from Latin America and the Caribbean, Spain and
Portugal

Project academic non-profit, developed under the open access initiative

Conservadorismo Contábil e Cultura Nacional

Pollyanna Gracy Wronski¹

falecomapolly@hotmail.com |  0000-0002-4428-7010

Roberto Carlos Klann²

rklann@furb.br |  0000-0002-3498-0938

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo avaliar a influência das dimensões culturais de Hofstede (2017) no nível de conservadorismo contábil de empresas de diferentes países. Com base em dados da *Thomson Reuters* e uma amostra final de 54.484 observações (32 países), a análise compreendeu o período de 2010 a 2016 e fez uso do modelo de Ball e Shivakumar (2005) para mensurar o conservadorismo contábil. Quando analisada cada dimensão cultural individualmente, foi observado que empresas de países com cultura mais individualista relacionaram-se negativamente com o conservadorismo contábil, enquanto países com orientação ao longo prazo apresentaram comportamento oposto, conforme as hipóteses de pesquisa. De maneira geral, conclui-se que a cultura nacional pode impactar a qualidade das informações contábeis, influenciando para um maior ou menor grau de conservadorismo contábil. Uma das principais contribuições deste estudo é a compreensão de que fatores culturais intrínsecos dentro de cada nação podem influenciar na qualidade da informação contábil.

PALAVRAS-CHAVE

Conservadorismo contábil, Qualidade da Informação Contábil, Cultura Nacional, Dimensões Culturais

¹Centro de Ensino Superior de Realeza, Realeza, PR, Brasil

²Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, SC, Brasil

Recebido: 18/01/2019.

Revisado: 20/05/2019.

Aceito: 26/09/2019.

Publicado Online em: 20/04/2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.15728/bbr.2020.17.3.6>



1. INTRODUÇÃO

Este estudo analisa a influência da cultura nacional, especificamente das dimensões culturais de Hofstede (2017), no nível de conservadorismo contábil de empresas de diferentes países. Procurou-se testar empiricamente a abordagem teórica proposta por Gray (1988), de que a cultura influencia o desenvolvimento da Contabilidade, o que pode ocorrer de maneira distinta em cada país.

Pesquisas que verifiquem a diversidade cultural dos países nos negócios, empresas e na Contabilidade são apontadas como de grande importância por diversos estudos nacionais e internacionais (Gray, 1988; Weffort, 2005; Chand, 2012; Riahi & Omn, 2013; Kitching, Mashruwala & Pevzner, 2016; Rodrigues et al., 2017), pois contribuem ao identificar divergências e semelhanças na forma de realização da contabilidade nos países estudados.

Portanto, este estudo traz outra perspectiva de análise sobre a qualidade da informação contábil, cujo foco muitas vezes recai sobre os problemas de agência, ao abordar um aspecto exógeno, da cultura dos países, como capaz de influenciar os níveis de conservadorismo contábil apresentados por empresas ao redor do mundo.

O conservadorismo contábil pode influenciar a qualidade da informação contábil (QIC) ao melhorar o controle interno das organizações (Goh & Li, 2011), funcionar como um mecanismo de governança corporativa, reduzindo o comportamento oportunista dos gestores (Watts, 2003), contrabalançar o excesso de otimismo dos gestores na superestimação dos lucros, a qual é mais perigosa do que a sua subestimação em termos de penalidades em sua divulgação (Hendriksen & Van Breda, 1999), ou reduzir a discricionariedade e a subjetividade dos administradores no momento da divulgação do lucro contábil (Ball, Kothari & Robin, 2000).

Por outro lado, pode enviesar o reconhecimento dos fatos contábeis, reduzindo a QIC, pois sua prática aumenta a assimetria informacional dos contratos, elevando os custos de capital externo e favorecendo o aumento da restrição financeira das empresas que necessitam captar recursos (Hendriksen & Van Breda, 1999).

Diversos fatores podem afetar a utilização do conservadorismo contábil nas demonstrações contábeis, como a adoção de um novo padrão contábil (Santana & Klann, 2016); a concentração de votos (Sarlo Neto, Rodrigo & Almeida, 2010), pois os acordos realizados entre os acionistas impactam na diminuição do nível do conservadorismo das empresas; bem como a própria cultura, visto que a formação histórica de cada país, o nível de controle do governo, a estrutura da propriedade empresarial, juntamente com a influência cultural recebida são possíveis causas das diferentes práticas contábeis utilizadas por diferentes países (Cieslewicz, 2014).

O termo cultura equivale a um conjunto de significados e signos construídos dentro de uma sociedade, na qual os indivíduos que a ela pertencem relacionam-se entre si. Esse conjunto abrange as formas de trabalho, lazer e moradia, a linguagem, a religião, a culinária, as relações de poder, estrutura da família, sistemas sociais, entre outros (Chauí, 2008). Para Hofstede (1980), a cultura não consiste em algo que possa ser herdado, e sim adquirido por meio do ambiente social no qual o homem se insere. Pode ser construída, reconstruída e transformada mediante a necessidade do ambiente, pois não se relaciona somente com um indivíduo, mas com toda a organização na qual ele está inserido (Hofstede, 1980; 1991; 2001).

A Contabilidade influencia os ambientes sociais e culturais onde se insere, e a cultura é percebida como um elemento fundamental para a compreensão das normas e valores que regem esses ambientes (Hopwood & Miller, 1994). Desta maneira, as diferenças culturais entre os indivíduos podem afetar as relações dentro da organização, e quanto maior elas forem, mais díspares são as práticas administrativas, organizacionais e estratégicas (Ariño & De La Torre, 1998).

Conforme Gray (1988), a cultura influencia o desenvolvimento da Contabilidade nas empresas, além de impactar em suas práticas de forma distinta de país para país. A literatura, por sua vez, reconhece a influência do fator cultura na Contabilidade e não exclui os eventuais impactos que pode causar nos relatórios financeiros (Justino, Albuquerque, Quirós & Rodrigues 2017).

Desta maneira, as divergências entre os países ganham espaço como objeto de investigação, e a realização desses estudos torna-se importante porque permite a visualização dos fatores ambientais que descrevem as divergências na Contabilidade (Verma, 1998). Com base nas previsões teóricas que apontam uma relação entre a cultura nacional e a Contabilidade, formulou-se então a seguinte pergunta de pesquisa: **qual a influência da cultura nacional no nível de conservadorismo contábil das empresas?** A fim de responder à pergunta de pesquisa, este estudo tem como objetivo geral avaliar a influência das dimensões culturais de Hofstede (2017) no nível de conservadorismo contábil de empresas de diferentes países.

De maneira geral, os resultados apontam elevada dispersão em relação ao nível de conservadorismo contábil observado nas empresas analisadas. Além disso, tais empresas são provenientes, na maior parte, de países com maior distância do poder, com uma cultura mais preocupada com valores femininos e coletivos, com maior aversão a situações de incerteza, uma cultura orientada para o longo prazo e com menor *score* para indulgência. Em relação à influência da cultura no conservadorismo contábil, os resultados mostram que empresas de países mais individualistas e de caráter indulgente podem apresentar práticas contábeis menos conservadoras, enquanto aquelas de países com cultura de maior orientação ao longo prazo apresentam comportamento mais conservador.

Em uma perspectiva teórica, a realização deste estudo visa contribuir com investigações sobre a QIC, buscando ampliar os limites do conhecimento a respeito dos fatores culturais que podem influenciar a existência e o nível do conservadorismo contábil em diferentes países. Este estudo lança luz para a discussão da influência das normas contábeis na qualidade da informação contábil, ao evidenciar que fatores externos às empresas, como a cultura do país, podem influenciar o nível de conservadorismo contábil nas demonstrações contábeis de empresas de diversos países.

Essa questão deve ser levada em conta por órgãos reguladores, na sua busca por maior comparabilidade das informações contábeis em âmbito internacional, bem como por analistas e investidores, ao analisar empresas de diferentes países. Os resultados deste estudo apontam que tais empresas podem apresentar níveis diferenciados de qualidade da informação contábil, ainda que ambas utilizem as normas contábeis internacionais ou os padrões contábeis norte-americanos, por exemplo.

Quanto ao avanço na literatura, os pressupostos de Gray (1988) em relação ao conservadorismo contábil e à cultura nacional já foram analisados por diversos autores (Schultz & Lopez, 2001; Douppnik & Richter, 2004; Douppnik & Riccio, 2006; Tsakumis, 2007), mas apenas na forma de experimentos e entrevistas, que avaliaram as interpretações e julgamentos de profissionais da contabilidade. Este estudo avança ao utilizar dados extraídos de demonstrações contábeis, assim como Salter e Lewis (2011), que já apresentaram o julgamento dos preparadores no momento de sua elaboração.

O diferencial deste estudo em relação ao de Salter e Lewis (2011) é que este utilizou 32 países e considerou as seis dimensões culturais de Hofstede (2017), enquanto aquele contou com 14 países e analisou apenas três dimensões culturais.

Watts (2003) afirma que a prática do conservadorismo tem sua origem no século XIX, pois os profissionais de contabilidade precisavam provisionar todas as perdas prováveis das empresas antes de realizar qualquer distribuição do seu patrimônio. No entanto, para Basu (1997), sua origem é do século XV e, mesmo ante inúmeras críticas frente ao seu uso, o conservadorismo ainda tem sido muito utilizado nas últimas três décadas (Watts, 2003).

Gray (1980) define o conservadorismo como a preferência no uso de uma abordagem cautelosa para mensuração dos eventos futuros em oposição ao mercado competitivo e otimista, como forma de prevenção dos riscos. Seu conceito de conservadorismo foi bifurcado em dois subconceitos, o conservadorismo condicional e o conservadorismo incondicional (Beaver & Ryan, 2005).

O conservadorismo condicional representa o reconhecimento enviesado das más notícias, ocorrendo mais antecipadamente do que as boas notícias (Basu, 1997; Ahmed et al., 2000; Ball et al., 2000; Ball & Shivakumar, 2005; Brown Jr, He & Teitel, 2006). Sua utilização favorece a produção de informações mais transparentes e fiéis aos investidores, sem que elas sejam otimistas em excesso (Lopes, 2002). A condição assimétrica trazida pela prática, no reconhecimento de ganhos e perdas beneficia os utilizadores das demonstrações contábeis, sendo essencial para mitigar os hábitos oportunistas dos gestores (Watts, 2003).

O conservadorismo incondicional decorre da escolha entre duas formas de mensuração e reconhecimento de eventos, sendo as duas igualmente válidas, em que se opta por aquela que resulte na menor avaliação do patrimônio. Tem em sua base a incerteza, já que afeta a continuidade das empresas em relação às futuras demandas (Hendriksen & Van Breda, 1999). Neste estudo, o foco está voltado para o conservadorismo condicional, capturado a partir do modelo de Ball e Shivakumar (2005).

O conservadorismo contábil, como característica da QIC, tem sido amplamente investigado no meio acadêmico, com pesquisadores procurando observar quais fatores são determinantes para sua utilização. Um dos primeiros que consideraram a cultura como variável impactante para a presença do conservadorismo entre países foi Gray (1988). A partir de concepções teóricas, o autor relacionou o conservadorismo com os desejos e necessidades de uma cultura, de maneira que se o país objetivar a redução de incertezas e ser menos individualista, evidenciará uma tendência maior em ser conservador.

O estudo de Gray (1988) contemplou três das quatro dimensões identificadas por Hofstede (1980) até então: a aversão à incerteza (AVER), o individualismo versus o coletivismo (IND) e a masculinidade versus feminilidade (MASC). O autor sustentou teoricamente que países com maior AVER, mais coletivistas e com valores femininos eram mais conservadores na preparação de seus demonstrativos contábeis.

Para Hofstede (1980), a dimensão de AVER relaciona-se com o nível de estresse de uma sociedade diante de um futuro desconhecido. Logo, essa dimensão não trata de um comportamento social, mas de uma busca do homem pela verdade e indica, culturalmente, até que ponto os membros de uma sociedade se encontram confortáveis ou desconfortáveis em situações diferentes e desconhecidas. Ao tratar da AVER, Gray (1988) afirma que essa dimensão é a que mais se relaciona, positivamente, com o conservadorismo contábil. Assim, a preferência pela adoção de medidas mais conservadoras frente aos lucros é consistente com um cenário de alta AVER (H_1), pois uma preocupação com a prudência e a segurança conduz à adoção de abordagens cautelosas no reconhecimento de eventos futuros.

A dimensão do IND é caracterizada por Hofstede (1980) como a integração de indivíduos em grupos primários e revela o grau de integração dos indivíduos dentro de um grupo. Em uma

organização individualista, seus membros possuem uma visão mais competitiva, mais assertiva, e não existem laços entre os seus componentes, cada um cuida de si e de sua família imediata. Já na visão coletivista, desde o nascimento é percebida uma integração e coesão entre os grupos na sociedade, a visão de família é mais alargada, estendendo-se a tios, tias e avós, e o sentido do coletivo não tem sentido político, referindo-se ao Estado, mas tem relação com o grupo.

O individualismo definido por Hofstede (1980) pode ser ligado ao excesso de confiança do indivíduo, ou seja, em sociedades com alto IND, mais decisões são tomadas pelo indivíduo impulsionadas por excesso de confiança (Chaui, 2008).

Gray (1988) relacionou o conservadorismo contábil à dimensão cultural do IND, observando que sociedades mais individualistas possuem menor conservadorismo contábil (H_2). Tal relação negativa também foi verificada por Salter e Niswander (1995) e Salter e Lewis (2011), enquanto Sudarwan e Fogarty (1996) observaram relações positivas entre o IND e o conservadorismo contábil em estudo na Indonésia.

A dimensão MASC relaciona, conforme Hofstede (1980), a divisão de papéis emocionais entre homens e mulheres, que podem refletir visões diferentes dentro de uma sociedade. Consoante o autor, as mulheres diferem menos entre as sociedades que os homens, sendo que elas conservam valores como a modéstia e o carinho, já os homens são mais assertivos e competitivos. O polo assertivo tem sido chamado de “masculino”, enquanto o modesto e atencioso, de polo “feminino” (Hofstede, 1998).

Para Gray (1988), a MASC associa-se de forma negativa ao conservadorismo, porquanto sociedades masculinas mais competitivas buscam mais resultados, desempenho e eficiência, exercendo maior influência sobre os gestores e preparadores das demonstrações contábeis, que nesse caso tenderiam a apresentar um viés menos conservador na apuração dos resultados (H_3). Alinhados aos pressupostos descritos por Gray (1988) estão os resultados encontrados por Salter e Niswander (1995) e Salter e Lewis (2011), enquanto Sudarwan e Fogarty (1996) não encontraram relação significativa entre essas variáveis.

Hofstede (1980) identifica os problemas que envolvem a desigualdade humana dentro da dimensão distância do poder (DP), a qual reflete a medida com que os membros com menor poder dentro das organizações aceitam e até mesmo esperam que o poder seja distribuído de forma desigual. Goodwin, Goodwin e Fiedler (2000) identificaram que indivíduos de países com índice elevado de DP mostraram-se menos propensos a se envolverem com a prática de gerenciamento de resultados, representando um retrato mais fiel e realista da empresa.

Almeida, Lopes e Corrar (2011) apontam que quanto maior o GR, menor será o grau de conservadorismo contábil observado. Desta maneira, supondo uma relação negativa entre o GR e uma alta DP e uma relação também negativa entre o GR e o conservadorismo contábil, supõe-se uma relação positiva entre a alta DP e a prática do conservadorismo contábil (H_4).

A quinta dimensão identificada por Hofstede et al. (2008), orientação em longo prazo *versus* orientação em curto prazo (OLP), relaciona a escolha do foco para os esforços das pessoas: o futuro ou o presente e o passado. Para o autor, uma sociedade focada em valores culturais que se preocupa com uma OLP apresenta uma visão voltada para o futuro, poupa economicamente e apresenta valores como persistência e austeridade, diferentemente da orientação em curto prazo, cujo foco volta-se ao passado e ao presente.

Desta forma, em uma sociedade cujos valores se voltam a uma orientação em curto prazo, os resultados mais importantes são aqueles percebidos e evidenciados em curto prazo. Assim, no contexto apresentado, quanto maior a OLP de uma determinada sociedade ou país, maior será o grau de conservadorismo apresentado por ele (H_5).

A sexta dimensão descrita por Hofstede, Hofstede e Minkov (2010), indulgência *versus* restrição (INDUL), ainda não foi escopo de estudos na literatura contábil que envolvam a prática

do conservadorismo contábil. Esses autores definem essa dimensão como uma tendência de os indivíduos se permitirem desfrutar de desenhos humanos, aproveitando a vida.

Relacionando a dimensão com a prática do conservadorismo, acredita-se que sociedades mais indulgentes, mais propensas a aproveitar a vida, são menos conservadoras, pois, conforme Gray (1988), o conservadorismo se caracteriza pelo uso da prudência e da cautela, em que os contabilistas mais conservadores optam por uma contabilidade mais cautelosa, a fim de lidar com a incerteza de eventos futuros (H_6).

Com base no exposto, apresenta-se na Figura 1 o comportamento esperado para o conservadorismo contábil nas empresas analisadas em relação a cada dimensão da cultura nacional dos países.

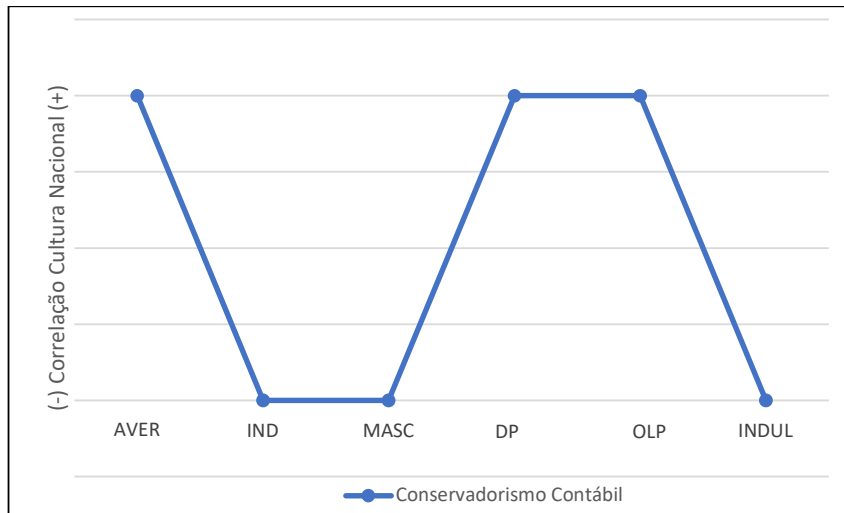


Figura 1. Conservadorismo e Cultura Nacional

Fonte: elaboração própria.

Espera-se que as dimensões de aversão à incerteza (AVER), distância do poder (DP) e orientação para o longo prazo (OLP) estejam relacionadas positivamente aos níveis de conservadorismo contábil, enquanto o individualismo (IND), a masculinidade (MASC) e a indulgência (INDUL) apresentem comportamento inverso.

No entanto, nem a literatura prévia nem este estudo analisam a interdependência dessas dimensões culturais e seu efeito sobre o conservadorismo contábil. Apesar dessa limitação, é possível pressupor que a dimensão cultural mais forte de uma determinada nação possa se sobrepor às demais em relação ao conservadorismo contábil.

Por exemplo, presume-se que um país extremamente masculino, ainda que tenha traços culturais moderados de aversão à incerteza, tenderá a um comportamento menos conservador. Por outro lado, um país com elevada distância do poder, ainda que tenha traços de individualismo, por exemplo, tenderá a um maior conservadorismo contábil. Portanto, o arranjo cultural entre as dimensões em cada nação pode ser bastante diverso, o que implica possíveis diferentes efeitos sobre o conservadorismo contábil em cada país.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Por meio da base de dados Thomson Reuters®, a população do estudo foi composta por 8.769 empresas de capital aberto, de 32 países, com dados extraídos no período de 2010 a 2016, totalizando 61.383 observações. Foram excluídos da amostra *outliers* (acima de 3 desvios-padrão) e empresas com Ativo Total inferior a US\$ 100 mil, conforme detalhado na Tabela 1:

Tabela 1
Empresas que compõem a amostra

Descrição		Empresas		Observações		% População	
População		8.769		61.383		100%	
(-) Exclusão <i>outliers</i> (acima de 3 desvios-padrão)		(29)		(201)		0,3%	
(-) Empresas com Ativo Total < US\$ 100 mil		(942)		(6.698)		10,9%	
(=) Amostra final		7.798		54.484		88,8%	
País		População		Amostra		%	% da Amostra
		Observações	Empresas	Observações	Empresas		
1	EUA	1.099	157	1.095	157	99,6%	2,0%
2	Brasil	1.519	217	1.400	200	92,2%	2,6%
3	Canadá	5.068	724	1.808	259	35,7%	3,3%
4	México	546	78	546	78	100,0%	1,0%
5	Argentina	280	40	254	37	90,7%	0,5%
6	Colômbia	301	43	287	41	95,3%	0,5%
7	Chile	693	99	636	91	91,8%	1,2%
8	Peru	616	88	582	84	94,5%	1,1%
9	China	11.739	1.677	11.679	1.670	99,5%	21,4%
10	Japão	1.547	221	1.537	220	99,4%	2,8%
11	Índia	147	21	147	21	100,0%	0,3%
12	Coreia do Sul	8.806	1.258	8.790	1.257	99,8%	16,1%
13	Indonésia	1.197	171	1.136	163	94,9%	2,1%
14	Arábia Saudita	623	89	556	80	89,2%	1,0%
15	Taiwan	9.471	1.353	9.282	1.332	98,0%	17,0%
16	Tailândia	2.429	347	2.316	331	95,3%	4,2%
17	Filipinas	588	84	576	83	98,0%	1,1%
18	Cingapura	2.128	304	1.623	232	76,3%	3,0%
19	Nigéria	266	38	237	34	89,1%	0,4%
20	Egito	322	46	292	42	90,7%	0,5%
21	África do Sul	420	60	381	55	90,7%	0,7%
22	Marrocos	98	14	91	13	92,9%	0,2%
23	Alemanha	1.981	283	1.160	166	58,6%	2,1%
24	Reino Unido	896	128	888	127	99,1%	1,6%
25	França	2.268	324	1.294	185	57,1%	2,4%
26	Itália	1.008	144	851	122	84,4%	1,6%
27	Rússia	1.358	194	1.357	194	99,9%	2,5%
28	Turquia	1.127	161	1.126	161	99,9%	2,1%
29	Holanda	364	52	286	41	78,6%	0,5%
30	Suíça	686	98	592	85	86,3%	1,1%
31	Polônia	1.351	193	1.346	193	99,6%	2,5%
32	Bélgica	441	63	333	48	75,5%	0,6%
Total		61.383	8.769	54.484	7.798	88,8%	100%

Fonte: Dados da Pesquisa.

Na Tabela 2 demonstram-se os *scores* de cada país integrante da amostra, para cada uma das seis dimensões pesquisadas por Hofstede, os quais foram identificados em pesquisas desenvolvidas pelo autor dentro dos países, por meio de questionários aplicados.

Tabela 2

Dimensões Culturais de Hofstede – Score dos Países da Amostra

País	DP	IND	MASC	AVER	OLP	INDUL
EUA	40	91	62	46	26	68
Brasil	69	38	49	76	44	59
Canadá	39	80	52	48	36	68
México	81	30	69	82	24	97
Argentina	49	46	56	86	20	62
Colômbia	67	13	64	80	13	83
Chile	63	23	28	86	31	68
Peru	64	16	42	87	25	46
China	80	20	66	30	87	24
Japão	54	46	95	92	88	42
Índia	77	48	46	40	51	26
Coreia do Sul	60	18	39	85	100	29
Indonésia	78	14	46	48	62	38
Arábia Saudita	95	35	60	80	36	52
Taiwan	58	17	45	69	93	49
Tailândia	64	20	34	64	32	45
Filipinas	94	32	64	44	27	42
Cingapura	74	20	48	8	72	46
Nigéria	80	30	60	55	13	84
Egito	70	25	45	80	7	4
África do Sul	49	65	63	49	34	63
Marrocos	70	46	53	68	14	25
Alemanha	35	67	66	65	83	40
Reino Unido	35	89	66	35	51	69
França	68	71	43	83	63	48
Itália	50	76	70	75	61	30
Rússia	93	39	36	95	81	20
Turquia	66	37	45	85	46	49
Holanda	38	80	14	53	67	68
Suíça	34	68	70	58	74	66
Polônia	68	60	64	93	38	29
Bélgica	65	75	54	94	82	57

Fonte: Hofstede (2017).

Medida de 0 a 100, uma pontuação elevada na dimensão DP, indica o quanto esse país aceita a distância entre os membros de uma sociedade/organização, e os indivíduos esperam que os membros mais poderosos lhes sirvam de guias em seu trabalho. Para essa dimensão, o país que recebeu maior pontuação foi a Arábia Saudita (95); já a Suíça apresentou menor *score*.

A Coreia do Sul foi o país que apresentou maior pontuação (100) na dimensão OLP. Na verdade, precisa-se destacar que o país atingiu a pontuação máxima na escala de Hofstede e, segundo o autor, isso se dá em função de a Coreia ser uma das sociedades mais de longo prazo e pragmáticas do mundo.

Os *scores* para a dimensão INDUL também apresentaram divergências importantes, e o país com maior pontuação, que indica a disposição ‘aproveitar a vida’, foi o México (97), enquanto a menor pontuação foi identificada no Egito (4). A pontuação verificada no México indica uma tendência cultural do país definitiva para a indulgência, mostra uma vontade de realizar seus impulsos, apresentando atitude positiva e tendência ao otimismo.

Para a mensuração do conservadorismo condicional, foi utilizado o modelo de Ball e Shivakumar (2005), que mede a assimetria de reconhecimento entre ganhos (boas notícias) e perdas (más notícias). A partir dele, o conservadorismo é avaliado em função da ocorrência de reversão dos resultados contábeis, o que possibilita a identificação de componentes transitórios dos ganhos ou perdas. Nesse contexto, verifica-se que a menor frequência de reconhecimento de perda oportuna está associada à menor qualidade das demonstrações contábeis.

$$\Delta NI_{it} = \alpha_0 + \alpha_1 D\Delta NI_{it-1} + \alpha_2 \Delta NI_{it-1} + \alpha_3 D\Delta NI_{it-1} \times \Delta NI_{it-1} + \varepsilon_t \quad (1)$$

Em que:

ΔNI_{it} : variação no lucro operacional contábil da empresa i do ano $t-1$ para o t ponderada pelo valor do ativo total no início do ano t ;

ΔNI_{it-1} : variação no lucro operacional contábil da empresa i do ano $t-2$ para o $t-1$ ponderada pelo valor do ativo total no início do ano $t-1$;

$D\Delta NI_{it-1}$: variável *dummy* assumindo valor 1 se $\Delta NI_{it-1} < 0$, e 0 nos demais casos;

ε_t : erro da regressão.

Inicialmente, a equação 1 foi rodada para cada país, separadamente, a fim de identificar o conservadorismo presente na amostra. Conforme o modelo, testado para cada país, o adiamento no reconhecimento dos ganhos econômicos para quando houver fluxo de caixa permite que os ganhos sejam reconhecidos como um componente persistente do lucro contábil, que tem tendência a não ser revertido e que implica α_2 ser igual a zero. No entanto, quando os ganhos são reconhecidos de forma oportuna, passam a ser vistos como um fator de aumento no componente transitório do lucro, com tendência a serem revertidos em períodos seguintes, o que é percebido por meio de $\alpha_2 < 0$.

Por sua vez, o reconhecimento das perdas é visualizado como diminuições transitórias do resultado, onde $\alpha_2 + \alpha_3 < 0$, e se as perdas forem reconhecidas de forma mais oportuna que os ganhos, considerada como *proxy* do conservadorismo contábil condicional, então $\alpha_3 < 0$ (Ball & Shivakumar, 2005). Para melhor visualização dos dados, a variável dependente foi invertida, assim, nesse contexto, $\alpha_3 > 0$ indica prática contábil conservadora.

Para mensurar o efeito da cultura nacional no conservadorismo contábil, o modelo de Ball e Shivakumar (2005) foi ajustado pelas variáveis de cultura nacional, representadas na Equação 2 pela sigla CULT, que representa o *score* de cada dimensão obtido pelo país na pesquisa de Hofstede.

$$\Delta NI_{it} = \alpha_0 + \alpha_1 D\Delta NI_{it-1} + \alpha_2 \Delta NI_{it-1} + \alpha_3 D\Delta NI_{it-1} \times \Delta NI_{it-1} + \alpha_4 CULT_{it} + \alpha_5 CULT_{it} \times D\Delta NI_{it-1} + \alpha_6 CULT_{it} \times \Delta NI_{it-1} + \alpha_7 CULT_{it} \times D\Delta NI_{it-1} \times \Delta NI_{it-1} + \varepsilon_{it} \quad (2)$$

A equação 2, que abrange cada uma das seis dimensões culturais do modelo de Hofstede, foi testada separadamente para cada dimensão, utilizando observações no período de 2010 a 2016. Nessa equação, as variáveis de interesse são α_6 e α_7 . A identificação do reconhecimento oportuno de perdas econômicas relacionadas a cada dimensão cultural implica que estas são reconhecidas com diminuição dos lucros transitórios verificado em $\alpha_6 + \alpha_7 < 0$. A hipótese da existência do conservadorismo relacionado a cada uma das dimensões culturais testadas, que indica que as perdas econômicas são reconhecidas mais rapidamente do que os ganhos, resulta em $\alpha_7 < 0$. Assim sendo, α_6 refere-se ao reconhecimento antecipado dos ganhos, e α_7 à relação entre o conservadorismo contábil e a dimensão cultural pesquisada.

Como variáveis de controle foram utilizadas IFRS (1 para empresas adotantes e zero caso contrário) e tamanho (log do Ativo Total). A adoção das IFRS pelos países pode influenciar o nível de conservadorismo contábil das empresas, portanto, seria prudente, ao comparar tais níveis entre as empresas da amostra, considerar um possível efeito das IFRS. Quanto ao tamanho, trata-se de uma variável de controle comum nos estudos sobre conservadorismo contábil.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1. ESTATÍSTICA DESCRITIVA

Apresenta-se inicialmente a estatística descritiva das variáveis Lucro Operacional Líquido (NI) e Ativo Total (AT), utilizadas no modelo de Ball e Shivakumar (2005), além das variáveis de cultura nacional, representadas pelas dimensões culturais de Hofstede: distância do poder (DP), individualismo *versus* coletivismo (IND), masculinidade *versus* feminilidade (MASC), aversão à incerteza (AVER), orientação em longo prazo *versus* orientação em curto prazo (OLP) e indulgência *versus* restrição (INDUL), conforme a Tabela 3:

Tabela 3

Estatística descritiva das variáveis do estudo

Variável	Observações	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
NI (em milhões \$)	54.484	459	17.074	-45.560	1.651.000
AT (em milhões \$)	54.484	5.544	190.363	0,0001	17.050.000
ΔNI_{it}	54.484	0,1384	0,1741	-7,7243	7,3173
$D\Delta NI_{it-1} - \alpha 1$ (<i>dummy</i>)	54.484	0,4353	—	0	1
$\Delta NI_{it-1} - \alpha 2$	54.484	0,123	0,4121	-50,3689	45,0253
$D\Delta NI_{it-1} * \Delta NI_{it-1} - \alpha 3$	54.484	0,0081	0,0901	-2,1178	5,7973
DP	54.484	64,8577	17,2174	34	95
IND	54.484	31,8028	22,1399	13	91
MASC	54.484	52,5225	14,0807	14	95
AVER	54.484	62,0197	23,936	8	95
OLP	54.484	73,5542	25,9956	7	100
INDUL	54.484	40,7075	16,1610	4	97

Legenda: NI: Lucro operacional líquido; AT: Ativo total; ΔNI_{it} : variação no lucro líquido contábil da empresa *i* do ano *t-1* para o *t* ponderada pelo valor do ativo total no início do ano *t*; $D\Delta NI_{it-1}$: dummy para a variação do lucro líquido contábil da empresa *i* do ano *t-1* para o ano *t*, se indicar variação negativa, assume valor 1 se $\Delta NI_{it} < 0$, e 0 nos demais casos;; variação no lucro líquido contábil da empresa *i* do ano *t-2* para o *t-1* ponderada pelo valor do ativo total no início do ano *t-1*.

Fonte: Dados da Pesquisa.

Observa-se uma variação positiva do lucro líquido (ΔNI_{it}) no período analisado, e isso em linhas gerais indica que a lucratividade das empresas vem melhorando no período, mesmo com uma presente discrepância entre as empresas (desvio-padrão superior à média). As variáveis Lucro Operacional Líquido (NI) e Ativo Total (AT) foram utilizadas para calcular a ΔNI_{it} e demonstram elevada dispersão, o que é compreensível em função de os dados serem provenientes de empresas de 32 países e de nove setores distintos.

A variável $D\Delta NI_{it-1}$ indica que em torno de 44% das empresas pesquisadas apresentam variação negativa no lucro relatado, o que está em linha com a média positiva encontrada para a variação do lucro (ΔNI_{it}), pois a maioria das empresas (56%) apurou variação positiva em seus resultados no período analisado.

A variável ($D\Delta NI_{it-1} * \Delta NI_{it-1}$) designa o grau de conservadorismo adotado pelas empresas analisadas, observado por meio do coeficiente α_3 do modelo de conservadorismo de Ball e Shivakumar (2005). A média da variável conservadorismo foi de 0,0081, com desvio-padrão elevado em relação à média, indicando elevada dispersão dos dados dessa variável.

Os *scores* das dimensões culturais de Hofstede apresentam menor discrepância e, com base na média das variáveis de cultura, infere-se que as empresas analisadas são provenientes na maior parte de países com maior DP, com uma cultura mais preocupada com valores femininos e coletivos, com maior aversão a situações de incerteza, revelam uma preocupação maior com o futuro, com uma cultura orientada para o longo prazo e com menos aptidão para aproveitar a vida (menor *score* para indulgência).

Foram realizados testes de correlação de Pearson e Spearman, conforme apresenta a Tabela 4:

Tabela 4

Análise de Correlação de Pearson (abaixo da diagonal) e de Spearman (acima da diagonal)

	NI	AT	ΔNI_{it}	α_1	α_2	α_3	DP	IND	MASC	AVER	OLP	INDUL
NI	1	0,580	0,249	-0,217	0,125	0,057	-0,003	0,030	-0,155	0,254	0,036	-0,0497
AT	0,884	1	-0,038	0,026	-0,036	-0,013	-0,028	-0,008	-0,303	0,431	0,144	-0,1072
ΔNI_{it}	-0,000	-0,003	1	-0,854	-0,089	-0,136	0,010	0,009	0,037	-0,032	-0,016	-0,002
a1	-0,001	0,006	-0,327	1	0,047	0,141	-0,016	-0,024	-0,047	0,040	0,028	0,0064
a2	-0,001	-0,001	0,048	0,014	1	0,604	0,026	-0,012	0,037	-0,044	0,004	-0,0199
a3	-0,003	-0,004	-0,198	0,103	0,218	1	-0,012	-0,019	-0,009	0,003	0,012	0,0136
DP	0,047	0,049	-0,000	-0,007	0,011	-0,008	1	0,003	0,159	-0,283	-0,183	-0,6209
IND	0,013	0,014	-0,015	-0,008	-0,019	-0,004	-0,524	1	0,406	-0,054	-0,647	0,1072
MASC	-0,028	-0,03	0,011	-0,042	0,002	-0,004	0,099	0,28	1	-0,524	-0,256	-0,1381
AVER	0,033	0,036	-0,014	0,036	-0,009	-0,001	-0,282	0,070	-0,293	1	0,201	0,1684
OLP	0,004	0,004	0,008	0,013	0,011	-0,005	0,065	-0,493	-0,038	-0,014	1	-0,3208
INDUL	-0,029	-0,031	0,006	-0,006	-0,011	0,009	0,511	0,439	-0,080	0,129	-0,546	1

Obs.: valores em negrito significativos a 95%.

Fonte: Dados da Pesquisa.

O maior coeficiente de correlação de Pearson entre as dimensões culturais foi observado entre as variáveis DP e IND (-0,5239) e DP e INDUL (0,511). A correlação encontrada, abaixo de 0,6, pode ser considerada fraca, indica que culturas mais individualistas aceitam menos a concentração de poder, enquanto culturas que aceitam tal concentração estão alinhadas com questões de aproveitar a vida (indulgência).

Para a correlação de Spearman, os coeficientes mais expressivos foram identificados entre as variáveis OLP e IND (-0,6471) e INDUL e DP (-0,6209), ambas consideradas moderadas. Indicam que culturas mais individualistas têm visão mais para o curto prazo, bem como culturas mais indulgentes não aceitariam a concentração de poder.

4.2. IDENTIFICAÇÃO DO NÍVEL DO CONSERVADORISMO CONTÁBIL NAS EMPRESAS

Antes da identificação do nível de conservadorismo contábil foram realizados testes de pressupostos dos modelos de regressão, como o de multicolinearidade (*Variance Inflation Factors-VIF*) e de heteroscedasticidade (Teste de Wald Modificado). O primeiro foi atendido, com fatores variando de 1,01 a 1,06. O segundo apontou problema de heteroscedasticidade, corrigido com regressão por erros robustos. Todas as regressões (OLS) foram realizadas controlando-se os efeitos fixos de indústria (setor), país e ano. Os resultados encontram-se na Tabela 5.

Tabela 5

Resultados do modelo original de conservadorismo contábil e com adição de variáveis de controle tamanho da empresa e adoção das IFRS

Variáveis	Sinal Esperado	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3
ΔNI_{it-1}	+/-	-0.025*** (0.003)	-0.048*** (0.009)	-0.029*** (0.003)
ΔNI_{it-1}	+	-0.095*** (0.034)	-0.351*** (0.116)	-0.150*** (0.013)
$\Delta NI_{it-1} * \Delta NI_{it-1}$	+	0.140*** (0.045)	0.294** (0.123)	0.162*** (0.016)
CONTR	+/-		0.000 (0.000)	-0.023*** (0.004)
CONTR * ΔNI_{it-1}	+/-		0.003*** (0.001)	0.015*** (0.005)
CONTR * ΔNI_{it-1}	+		0.029** (0.014)	0.114*** (0.038)
CONTR * $\Delta NI_{it-1} * \Delta NI_{it-1}$	+		-0.015 (0.015)	0.081 (0.062)
Constante	+/-	-0.007 (0.005)	-0.034** (0.013)	-0.008 (0.005)
Observações		54,484	54,484	54,484
R ²		0.042	0.067	0.066
FE setor-país-ano		Sim	Sim	Sim

Robust standard errors in parentheses; *** p<0.01, ** p<0.05, * p<0.1

Modelo 1: Original; Modelo 2: com variável de controle Tamanho da empresa; Modelo 3: com variável de controle IFRS.

Legenda : ΔNI_{it} : variação no lucro líquido contábil da empresa *i* do ano *t-1* para o *t* ponderada pelo valor do ativo total no início do ano *t*; ΔNI_{it-1} : dummy para a variação do lucro líquido contábil da empresa *i* do ano *t-1* para o ano *t*, se indicar variação negativa, assume valor 1 se $\Delta NI_{it} < 0$, e 0 nos demais casos; ΔNI_{it-1} : variação no lucro líquido contábil da empresa *i* do ano *t-2* para o *t-1* ponderada pelo valor do ativo total no início do ano *t-1*. CONTR: variável de controle Tamanho (Ativo Total – AT) e IFRS.

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme apresentado na Tabela 5, constata-se que há uma tendência das empresas que compuseram a amostra a reconhecerem mais oportunamente as perdas econômicas do que os ganhos. Tal tendência é verificada em função da diminuição transitória dos ganhos através do

coeficiente α_3 (0,140), e ressalta-se ainda a significância dos coeficientes α_2 e α_3 , o que possibilita a confirmação estatística do comportamento conservador das empresas analisadas.

Para aprofundar a análise do conservadorismo contábil das empresas, foi inserido no modelo proposto por Ball e Shivakumar (2005) o tamanho da empresa (log AT) e a adoção das IFRS como variáveis de controle. Nos dois casos, os resultados em relação ao conservadorismo (α_3) são consistentes com o modelo original, com relação positiva e significativa, embora o α_7 não tenha se mostrado significativo, não sendo possível inferir sobre a influência do tamanho e da adoção das IFRS no nível de conservadorismo das empresas da amostra.

4.3. ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE AS DIMENSÕES DA CULTURA NACIONAL E O CONSERVADORISMO CONTÁBIL

De maneira geral, segundo Salter e Lewis (2011), a presença do conservadorismo contábil pode ser relacionada a diferenças entre países, sendo que estas podem ser provenientes de valores culturais. O estudo de Salter e Lewis (2011) corrobora os pressupostos de Gray (1988) e Dougnik e Tsakumis (2004), que apresentam que a cultura se relaciona com aplicação mais conservadora de regras contábeis nas demonstrações contábeis.

Dessa forma, uma análise individual da influência de cada uma das dimensões culturais descritas por Hofstede (2017) é apresentada na Tabela 6.

Tabela 6

Resultados da relação entre conservadorismo contábil e as dimensões culturais

Variáveis	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3	Modelo 4	Modelo 5	Modelo 6
ΔNI_{it-1}	-0.013* (0.007)	-0.026*** (0.005)	-0.050*** (0.012)	-0.057*** (0.010)	-0.044*** (0.006)	0.001 (0.007)
ΔNI_{it-1}	-0.116 (0.075)	-0.182*** (0.050)	-0.226*** (0.054)	-0.224*** (0.103)	-0.154*** (0.055)	-0.074 (0.053)
$\Delta NI_{it-1} * \Delta NI_{it-1}$	0.127 (0.117)	0.247*** (0.079)	0.311 (0.215)	0.173 (0.137)	0.035 (0.084)	0.463*** (0.141)
CULT	0.000 (0.000)	0.000 (0.000)	0.001 (0.001)	-0.001*** (0.000)	0.000*** (0.000)	0.001** (0.000)
$CULT * \Delta NI_{it-1}$	0.000* (0.000)	0.000 (0.000)	0.001** (0.000)	0.001*** (0.000)	0.000*** (0.000)	0.000*** (0.000)
$CULT * \Delta NI_{it-1}$	0.000 (0.001)	0.004** (0.002)	0.003*** (0.001)	0.002 (0.001)	0.001 (0.001)	0.000 (0.001)
$CULT * \Delta NI_{it-1} * \Delta NI_{it-1}$	0.000 (0.002)	-0.004** (0.002)	-0.004 (0.004)	0.000 (0.002)	0.004** (0.002)	-0.005** (0.002)
Constante	-0.003 (0.010)	-0.044 (0.028)	-0.060 (0.037)	0.028** (0.014)	0.006 (0.008)	-0.075** (0.029)
Observações	54,484	54,484	54,484	54,484	54,484	54,484
R ²	0.042	0.048	0.049	0.045	0.060	0.055
FE setor-país-ano	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

Robust standard errors in parentheses; *** p<0.01, ** p<0.05, * p<0.1

Legenda: CULT: dimensões culturais; AVER: *score* da dimensão cultural aversão à incerteza (Mod. 1); IND: individualismo *versus* coletivismo (Mod. 2); MASC: *score* da dimensão cultural masculinidade *versus* feminilidade (Mod. 3); DP: *score* da dimensão cultura distância do poder (Mod. 4); OLP: *score* da dimensão cultural orientação em longo prazo *versus* orientação em curto prazo (Mod. 5); INDUL: *score* da dimensão cultural indulgência *versus* restrição (Mod. 6).

Fonte: Dados da pesquisa.

Os resultados evidenciam a existência de uma relação positiva entre a AVER e o conservadorismo contábil, no entanto não permitem afirmar que a AVER pode influenciá-lo, pois α_7 não apresenta significância. O mesmo acontece com o coeficiente α_6 , que trata do reconhecimento antecipado dos ganhos, de maneira que este também não se mostrou significativo.

Esse resultado vai de encontro ao proposto por Gray (1988), o qual aponta que o conservadorismo contábil pode ser veiculado à AVER, pois a preferência por uma contabilidade mais conservadora na medição dos lucros é coerente com a forte AVER, devido a uma preocupação com a segurança e necessidade de adoção de uma postura cautelosa ao lidar com a incerteza em eventos futuros.

Em relação à H_1 , que pressupunha uma relação positiva entre a dimensão cultural AVER e a prática do conservadorismo contábil, os resultados permitiram rejeitar a hipótese. Tal resultado é contrário ao observado por Salter e Niswander (1995), Sudarwan e Fogarty (1996), Schultz e Lopez (2001) e Lima et al. (2016). No entanto, cabe destacar que essas pesquisas se basearam, geralmente, na opinião de auditores e contadores, ao invés de trabalhar com dados sobre conservadorismo diretamente.

Ao verificar os resultados da relação entre o conservadorismo e a dimensão IND, o coeficiente α_7 (-0,0038) indica uma relação negativa entre as variáveis com significância de 5%, o que permite inferir que quanto menos individualistas são as empresas componentes da amostra, maior é o nível de conservadorismo contábil observado.

Os resultados do estudo vão ao encontro dos achados de Gray (1988), que afirma que empresas presentes em países menos individualistas apresentam maior conservadorismo contábil. Por outro lado, esses resultados são contrários aos achados da pesquisa de Salter e Lewis (2011), que confirmou uma forte relação positiva entre valores societários de IND e o conservadorismo incondicional, diferentemente do observado no estudo realizado. No entanto, cabe destacar que neste estudo foi abordado o conservadorismo condicional, diferentemente do estudo de Salter e Lewis (2011), o que pode justificar os resultados contraditórios encontrados.

Quanto à H_2 , que previa uma relação negativa entre o IND e o conservadorismo contábil, os resultados não permitem rejeitar a H_2 , o que vai ao encontro dos estudos de Dougnik e Tsakumis (2004) e Salter e Lewis (2011), bem como o sustentado por Gray (1988). No entanto, quando excluídas as empresas chinesas, da Coreia do Sul e de Taiwan, a relação passa a ser positiva, indicando que empresas de países mais individualistas seriam mais conservadoras, e isso vai contra a predição teórica. Esse resultado também foi encontrado por Sudarwan e Fogarty (1996) com empresas da Indonésia, um país com baixo índice de IND em um ambiente de mudança de padrões contábeis.

Para a MASC, os resultados da Tabela 6 indicam uma relação negativa entre o conservadorismo contábil e empresas de países com características culturais mais masculinas ($\alpha_7 = -0,0036$), todavia, sem significância estatística. O coeficiente α_6 (-0,003), significativo a 1%, permite identificar uma relação negativa entre a MASC e o reconhecimento antecipado dos ganhos, o que pode ser explicado pela própria limitação imposta muitas vezes pelas normas contábeis para tal.

Segundo as proposições de Gray (1988), a MASC apresenta uma relação negativa com o conservadorismo, pois empresas de países culturalmente mais masculinos apresentam-se mais competitivas e buscam mais por resultados, desempenho, o que implica uma maior influência sobre os gestores e preparadores das demonstrações contábeis, o que, no contexto, resultaria em uma tendência de apresentar um viés menos conservador na demonstração de seus resultados. No entanto, tal relação não pode ser confirmada no presente estudo.

A relação negativa entre a MASC e o conservadorismo prevista na H_3 foi rejeitada, devido ao coeficiente não se apresentar significativo, com exceção do modelo em que a variável MASC

foi capturada por meio de uma *dummy* ($> 50 = 1$). Tal resultado contraria as proposições de Gray (1988) e os achados de Salter e Niswander (1995), os quais apontam que sociedades mais femininas são mais conservadoras.

Para a relação entre o conservadorismo e a DP era esperada uma relação positiva, de maneira que, quanto maior o conservadorismo contábil apresentado pelas empresas componentes da amostra, maior seria o nível de DP observado.

Ao relacionar o conservadorismo com a DP, por meio da análise do coeficiente α_7 (Tabela 6), não é possível confirmar a relação esperada, em razão da não significância estatística do resultado e do sinal contrário apresentado pelo coeficiente. O mesmo acontece ao analisar o coeficiente α_6 , que se apresenta positivo, confirmando a relação esperada, no entanto sem significância estatística.

Para a DP esperava-se uma relação positiva com o conservadorismo contábil, descrita na H_4 . Contudo, os resultados do estudo levaram à rejeição da hipótese, em função da inexistência de significância estatística entre as variáveis, bem como do sinal contrário do coeficiente. Esse resultado vai de encontro ao estudo de Sudarwan e Fogarty (1996), realizado na Indonésia, país que possui um alto *score* para a DP (78); bem como a pesquisa de Lima et al. (2016), com operadores de contabilidade brasileiros, que também apresentaram um alto índice para essa dimensão (69).

A relação positiva esperada entre as variáveis, que indica que quanto maior a OLP presente na cultura das empresas, maior seria o nível do conservadorismo contábil, é confirmada mediante a análise do coeficiente α_7 (0,0038), que se mostra significativo a 5%. A análise do coeficiente α_6 (0,0010), contudo, não confirma a relação positiva da dimensão com o reconhecimento antecipado dos ganhos, pois o coeficiente não apresenta significância estatística. Os resultados da pesquisa corroboram os encontrados por Radebaugh e Gray (2002), que apontaram que o conservadorismo contábil é influenciado positivamente por essa dimensão cultural.

Quanto à OLP, conforme expresso na hipótese H_5 , era esperada uma relação positiva. Apenas quando retiradas as empresas da China, Coreia do Sul e Taiwan o resultado não se mostrou significativo. tal dimensão não foi relacionada em estudos anteriores com a prática do conservadorismo contábil. Portanto, esse resultado é importante na medida em que testa empiricamente uma proposição teórica e, pelo menos para a amostra total, encontra confirmação empírica.

De acordo com Hofstede, Hofstede e Minkov (2010), a indulgência envolve uma tendência de os indivíduos pertencentes a uma sociedade se permitirem desfrutar de desenhos humanos, aproveitando a vida. Desta maneira, sociedades com pontuação maior nessa dimensão tendem a ser menos conservadoras. Logo, a partir da análise do coeficiente α_7 (-0,004), a amostra pesquisada confirma o efeito esperado, de forma que a INDUL é associada negativamente ao conservadorismo contábil, com significância estatística de 5%.

Para a última dimensão testada no estudo, a INDUL, esperava-se uma relação negativa com o conservadorismo contábil, conforme a H_6 . Com base nos resultados, não se pode rejeitar a H_6 (com exceção dos modelos com variáveis de controle da Tabela 5, que não foram significativos), confirmando-se a predição teórica de que empresas de sociedades mais indulgentes adotam práticas contábeis menos conservadoras.

De maneira geral, pode-se inferir que empresas de países mais individualistas e de caráter indulgente podem apresentar práticas contábeis menos conservadoras, enquanto aquelas de países com cultura de maior OLP apresentam comportamento inverso (mais conservador).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo avaliar a influência das dimensões culturais de Hofstede (2017) no nível de conservadorismo contábil de empresas de diferentes países. Para tal, realizou-se uma pesquisa com amostra de 7.798 empresas e 54.484 observações, extraídas de 32 países.

A realização deste estudo buscou evidências empíricas que pudessem contribuir para a reflexão e discussão sobre a QIC. Entender como o conservadorismo apresenta-se nas demonstrações contábeis é importante porque auxilia na análise econômico-financeira das empresas, contribui para os processos regulatórios da contabilidade, além de promover a emissão de demonstrações contábeis de maior qualidade.

Em síntese, por meio dos achados deste estudo e corroborando o exposto na literatura, conclui-se que a informação contábil sofre influência de fatores culturais provenientes de seu país. Especificamente no caso deste estudo, conclui-se que determinadas dimensões culturais, principalmente o IND, a OLP e a INDUL estão relacionadas à prática do conservadorismo contábil das empresas analisadas, a primeira e a última negativamente.

Uma das principais implicações deste estudo é que a comparabilidade das demonstrações contábeis de empresas de diferentes países pode não ser uma tarefa simples de ser alcançada, ainda que utilizadas normas contábeis padrões, como as IFRS, por exemplo, em função das diferenças culturais entre os países que afetam a QIC.

Outra importante implicação do estudo é que a análise da qualidade da contabilidade em âmbito internacional, especificamente no caso do conservadorismo contábil, tem que levar em conta fatores culturais de cada país, que deveriam ser considerados pelos respectivos órgãos normatizadores nacionais, a fim de produzir normas contábeis mais adequadas à realidade de cada nação.

Por fim, é importante destacar que o estudo possui limitações. A primeira é a suposição de perenidade da cultura nacional. Nesse sentido, como recomendações para futuros estudos, pode ser interessante considerar que a cultura nacional de um país pode ser alterada em longo prazo. Assim, estudos com horizonte temporais mais longos poderiam identificar as mudanças culturais dos países e como isso afetaria a QIC em longo prazo.

Outra limitação do estudo consiste em não considerar diferenças regionais dentro de cada país. Assim, um ponto a ser discutido em pesquisas futuras é a condição de que mesmo dentro de um único país podem existir culturas diferentes e estas podem influenciar de modo distinto o conservadorismo contábil.

REFERÊNCIAS

- Almeida, J. E. F., Lopes, A. B., & Corrar, L. J. (2011). Gerenciamento de resultados para sustentar a expectativa do mercado de capitais: impactos no índice market-to-book. *Advances in Scientific and Applied Accounting*, 4(1), 44-62.
- Ariño, A., & De La Torre, J. (1998). Learning from failure: Towards an evolutionary model of collaborative ventures. *Organization Science*, 9(3), 306-325.
- Ball, R., & Shivakumar, L. (2005). Earnings quality in UK private firms: comparative loss recognition timeliness. *Journal of Accounting and Economics*, 39(1), 83-128.
- Basu, S. (1997). The conservatism principle and the asymmetric timeliness of earnings¹. *Journal of Accounting and Economics*, 24(1), 3-37.
- Beaver, W. H., & Ryan, S. G. (2005). Conditional and unconditional conservatism: Concepts and modeling. *Review of Accounting Studies*, 10(2-3), 269-309.

- Brown JR. W. D., He, H., & Teitel, K. (2006). Conditional conservatism and the value relevance of accounting earnings: An international study. *European Accounting Review*, 15(4), 605-626.
- Cieslewicz, J. K. (2014). Relationships between national economic culture, institutions, and accounting: Implications for IFRS. *Critical Perspectives on Accounting*, 25(6), 511-528.
- Chand, Parmod. (2012). The effects of ethnic culture and organizational culture on judgments of accountants. *Advances in Accounting*, 28(2), 298-306.
- Chau, M. (2008). Cultura y democracia. *Le Monde diplomatique en español*, (153), 25-26.
- Doupnik, T. S., & Richter, M. (2004). The impact of culture on the interpretation of "in context" verbal probability expressions. *Journal of International Accounting Research*, 3(1), 1-20.
- Doupnik, T. S., & Tsakumis, G. T. (2004). A critical review of tests of Gray's theory of cultural relevance and suggestions for future research. *Journal of Accounting Literature*, 23, 1-48.
- Doupnik, T. S., & Riccio, E. L. (2006). The influence of conservatism and secrecy on the interpretation of verbal probability expressions in the Anglo and Latin cultural areas. *The International Journal of Accounting*, 41(3), 237-261.
- Goh, B. W., & Li, D. (2011). Internal controls and conditional conservatism. *The Accounting Review*, 86 (3), 975-1005.
- Goodwin, J. D., Goodwin, D., & Fiedler, B. (2000). The influence of culture on accountants' ethical decision making in Singapore and Australia. *Accounting Research Journal*, 13(2), 22-36.
- Gray, S. J. (1988). Towards a theory of cultural influence on the development of accounting systems internationally. *Abacus*, 24(1), 1-15.
- Hendriksen, E. S., & Van Breda, M. F. (1999). *Teoria da contabilidade*. Atlas.
- Hofstede, G. (1980). The cultural relativity of organizational practices and theories. *Journal of International Business Studies*, 14(2), 75-89.
- Hofstede, G. (1991). *Organizations and cultures: Software of the mind*. McGrawHill.
- Hofstede, G. (1997). Riding the waves: A rejoinder. *International Journal of Intercultural Relations*, 2(21), 287-290.
- Hofstede, G. H. et al. (Eds). (1998). *Masculinity and femininity: The taboo dimension of national cultures*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Hofstede, G. et al. (2008). *Values survey module 2008 manual*. Maastricht: Institute for Research on Intercultural Cooperation. <http://geerthofstede.com/research-and-vsm/vsm-08/>
- Hofstede, G. (2010). *Geert Hofstede. National cultural dimensions*. Recuperado em 23 maio, 2017, de <https://www.hofstede-insights.com/models/national-culture/>.
- Hofstede, G., Hofstede, G. J., & Minkov, M. (2010). *Cultures et organizations: Nos programmations mentales*. Pearson Education France.
- Hofstede, G. *Country comparison*. <http://www.hofstede-insights.com/country-comparison>
- Hopwood, A. G., & Miller, P. (Eds.). (1994). *Accounting as social and institutional practice*. Cambridge University Press.
- Lima, B. J. (2016). O impacto das dimensões culturais sobre a prática contábil no Brasil: um olhar a partir da percepção dos operadores da contabilidade. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade*, 10(4), 353-370.

- Justino, M. D. R., Albuquerque, F. H. F. D., Quirós, J. T., & Rodrigues, N. M. B. (2017). As diferenças em torno dos valores culturais: um estudo empírico a partir de entidades listadas em índices europeus. *Revista Contabilidade e Controladoria*, 9(1), 9-30.
- Santana, A. G., & Klann, R. C. (2016). Conservadorismo Contábil e a adoção das IFRS: Evidências em empresas brasileiras familiares e não familiares. *Enfoque: Reflexão Contábil*, 35(1), 35-53.
- Salter, S. B., & Lewis, P. A. (2011). Shades of Gray: An empirical examination of Gray's model of culture and income measurement practices using 20-F data. *Advances in Accounting*, 27(1), 132-142.
- Salter, S. B., & Niswander, F. (1995). Cultural influence on the development of accounting systems internationally: A test of Gray's [1988] theory. *Journal of International Business Studies*, 26(2), 379-397.
- Sarlo Neto, A., Rodrigues, A., & Almeida, J. E. F. de (2010). Concentração de votos e acordo de acionistas: influências sobre o conservadorismo. *Revista Contabilidade & Finanças*, 21(54), 6-22.
- Schultz, J. J., & Lopez, T. J. (2001). The impact of national influence on accounting estimates: Implications for international accounting standard-setters. *The International Journal of Accounting*, 36(3), 271-290.
- Sudarwan, M., & Fogarty, T. J. (1996). Culture and accounting in Indonesia: an empirical examination. *The International Journal of Accounting*, 31(4), 463-481.
- Verma, S. (1998). *Culture and politics in international accounting: An exploratory framework*. Birkbeck College, School of Management and Organizational Psychology.
- Watts, R. L. (2003). Conservatism in accounting part I: Explanations and implications. *Accounting Horizons*, 17(3), 207-221.